



A LUZÊNCIA /SOMBRA O VISÍVEL E O INVISÍVEL NOS SINAIS DOS EXPOSTOS¹

Texto de Gilda Nunes Barata

[DOUTORADA EM FILOSOFIA PELA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, ESCRITORA]

1. Excerto do livro *A Fenomenologia enquanto Lugar Total da Vida: Diálogo Poético-Amoroso entre Merleau-Ponty e Alguns Pensadores e Artistas*, Dissertação de Doutorado em Filosofia. Lisboa: Edições Sílabo, 2012.

Os sinais das crianças expostas na roda constituem testemunhos de afetividade, manifestação fenoménica da perda e de lembrança, exibição que esconde um sofrimento volátil e indizível.

A roda dos expostos era o local onde mães envergonhadas abandonavam os seus filhos, fazendo-os acompanhar de alguns sinais, fragmentos identificadores que futuramente poderiam restabelecer uma ligação, o elo entre o abandonado e o que poderia ser a forma de o reaver. Estes sinais constituem testemunhos de afetividade, manifestação fenoménica da perda e de lembrança, exibição que esconde um sofrimento volátil e indizível (o invisível desses mesmos sinais).

Estes objetos, na sua manifestação fenoménica, podem prolongar a memória de uma existência, a construção de uma identidade intensa que se perde em códigos, entre aquilo que se permitiu criar um código (a mãe no lugar sombrio da roda) e a criança enjeitada acompanhada do sinal. O sinal é o lugar falante dessa ligação, dessa reversibilidade sensível entre perda e esperança futura de reaver o sujeito/identidade perdida.

Nesta relação entre mãe, roda e criança que se abandona, podemos contemplar a relação entre consciência-corpo-mundo que é a relação fundamental para uma abordagem fenomenológica da existência nas suas essências. A mãe é

uma consciência sombria, não identificada, no lugar escuro do reconhecimento que, através do sinal que funciona como prolongamento de si e do seu corpo, completa o entrelaçado com a roda, que representa um microcosmo do próprio mundo.

Naquele gesto de abandono, naquele momento, o mundo resume-se àquela roda onde há recetividade, onde há um vazio, uma aglutinação de sentimentos que fazem daquela roda

o lugar existencial do próprio mundo. Os sinais são o lugar falante, são a linguagem falante de um silêncio que se impõe, que é o silêncio do abandono.

Nesta mostra de objetos podemos sentir a essência de cada um deles, descolando-os do seu lugar material. Eles não são a matéria, não são independentes de uma consciência intencional e afetiva que lhes dá sentido. Uma carta, uma fita, uma medalha, uma meia, metade de

1810 Sinal 1732

1792 Sinal 1732





OS SINAIS SÃO O LUGAR FALANTE, SÃO A LINGUAGEM FALANTE DE UM SILÊNCIO QUE SE IMPÕE, QUE É O SILÊNCIO DO ABANDONO

▲ **"PROCURA DA PATERNIDADE"**
Óleo sobre tela, 1884,
Convento do Cardaes

uma fotografia que aguarda a outra metade num tempo que não se sabe se chegará, para completar a história e o sentido daquele sinal.

Na verdade, aquele sinal só absolutiza o seu sentido no momento decisivo em que, por exemplo, metade de uma fotografia se junta à sua outra metade ou quando a figa realmente produz sorte ou a cruz de madrepérola reluz. Nos "escritos" - sinais escritos - podemos descobrir sentidos afetivos, lugares ontológicos desses mesmos escritos. Pedese, por exemplo, que a criança seja batizada, pede-se que seja criada com amor e caridade.

Fazendo uma analogia entre estas situações e a obra de arte, podemos dizer que a mesma só cumpre a sua função última se tocar o seu desti-

natário, se o comover, se houver nele uma reverberação interior que o modifique.

Ora, os sinais expostos na roda revelam uma realidade que em si mesma se cumpre, mesmo que aquelas crianças não tenham as existências completas pelo seu reaver por parte dos pais. Podemos dizer que estes sinais já contêm em si uma fenomenologia de afetividade que se finaliza em si própria. São prenhes de absoluto, de identidade, de memória, de futuro, ainda que esse futuro não se cumpra de uma determinada maneira.

Os expostos são afetividade transcendental. É nessa afetividade que se cumpre a autorrelação entre objeto e a mãe sem filho. A fenomenologia da relação cumpre-se no sinal exposto. A vida é a experiência exaltada

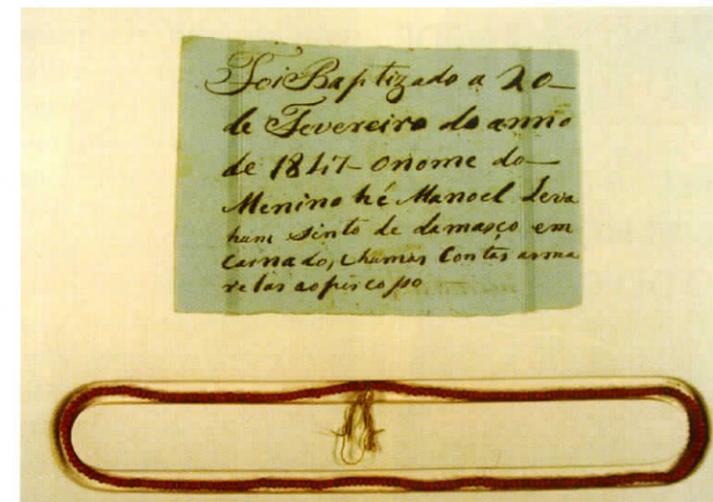
de si mesma e é ela que nos salva. A ligação aos outros dá-se na vida.

Naquele momento de perda, de alguma coisa que fica exposta (visível), a felicidade não é o contrário do sofrimento. A aspiração ao amor é o lugar ontológico dos expostos. Há uma aporia entre aquele que abandona e aquele que é abandonado. O sujeito abandonado não pode ser conhecido. O sujeito que abandona não pode ser conhecido. Só o sinal é o reconhecível, a presença viva de uma consciência que se encontra no fundo do coração.

Os sinais são o ser essencial, a matéria vibrante, a fascinação do mundo de algo que pode voltar a si sem renunciar a nada. É o *pathos* do abandono, o sinal que se torna prisioneiro do mundo e domiciliado no absoluto da sua fenomenologia afetiva.

A autoafeção da mãe, a sua plenitude, o sofrimento, o seu coração, o fundamento da sua vergonha, reside naqueles sinais. É na relação com o sinal que a mãe estabelece a sua relação com a vida. Podemos pensar os sinais a partir da sua vida ou a sua vida a partir dos sinais. O sinal funde-se no abissal do abandono. O desespero torna-se subjetividade pura nos sinais. É o grande desespero que nos pode fazer renascer. Culpa-bilidade e traumatismo significam a vinda de uma subjetividade no seu verdadeiro eu.

Os sinais são também um poder. Através do seu poder, a vida manifesta-se, um outro ser, esse fundo onde apareceu



▲ 1847 Sinal 0395

um estado de desespero radical. Os sinais tornam-se dialética, crise da história interior de um sentimento. O maior dom: o desespero como condição maior de acesso à vida.

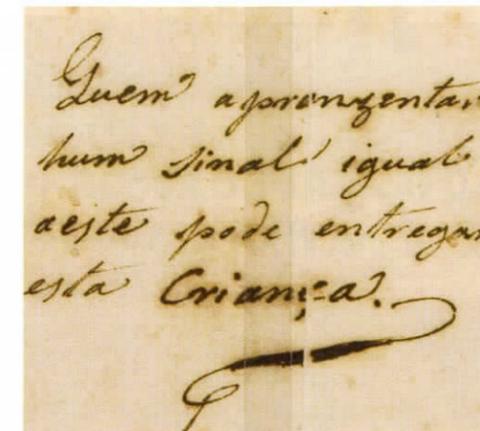
Perante este lugar vazio onde habitam sinais, uma resposta fenomenológica é exigida. Qual o sentido do esquecimento, de uma recordação? Porque sofre aquele que esqueceu o seu sofrimento? Há um sentido que se retira desse abandono. O abandono torna-se uma exibição extrema da fenomenologia da vida.

Uma imagem exterior, um aparecer noutro aparecer que é a imagem-ausência de um rosto (o rosto materno). A mãe funde-se com o exposto porque deixa de ter rosto quando toca o sino para levarem o seu filho. A consciência do seu sofrimento está naquele sinal, a mãe sofre e frui ao mesmo tempo desse sofrimento através da consciência desse sofrimento que lhe permite o sinal. Dos sinais advém uma acentuação maior

da identidade, a imanência insuportável do abandono. Um caminho para se ser autêntico consigo mesmo.

O contemplador dos sinais - com a distância temporal que, por vezes, o curso da história já impôs - entra num sintoma como se sofresse dessa dor física, assume em si o peso daquele sofrimento. O contemplador não tem diante de si o rosto da criança, o rosto da mãe, nem a expressividade dos mesmos diante de si, mas sente essa dor total a percorrer-lhe os ossos. A esta dor total podemos chamar a necessidade de ler o rosto da mãe, o rosto da criança. Isso obriga à disponibilidade de ler o visível dos sinais, num encontro verdadeiro com o sentido vivido indeclinável que esse sinal transporta, reconhecendo no sinal uma família, o complexo da dor que houve nesse abandono, a dor total que ficou cravada no sinal.

O "cair em si", depois da observação atenta de um sinal, é a avaliação interna da dor que



▲ 1835 Sinal 1229

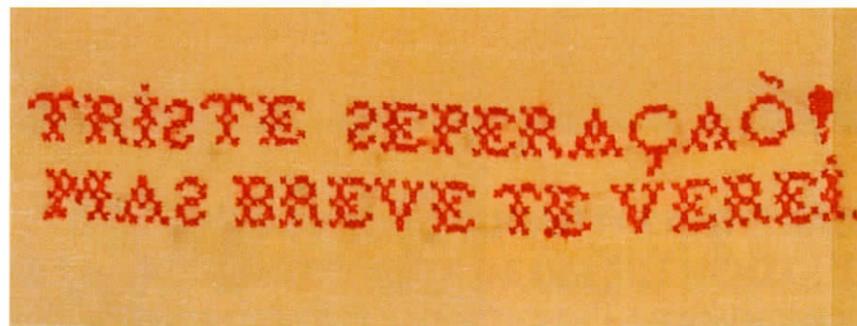


▲ 1856 Sinal 1577

o sinal em si mesmo não pode fazer dizer. A dor. O horror. O calafrio. O excedente dessa dor, desse contorno de um objeto cheio de sol e de vida. A urgência, a crença, o sonho - tudo isso carregam os sinais. Quando é que mãe e criança ganham carne, rosto? Quando o contemplador confere um sentido a esses sinais, conferindo um sentido a esses dois rostos de mãe e de filho que são o invisível do sinal.

A deslocação do abandono do exposto para o sinal. A repulsa excedente dos sinais. Que sensação dolorosa trespassa esta matéria para a deixar como

“O SUJEITO ABANDONADO NÃO PODE SER CONHECIDO. O SUJEITO QUE ABANDONA NÃO PODE SER CONHECIDO. SÓ O SINAL É O RECONHECÍVEL, A PRESENÇA VIVA DE UMA CONSCIÊNCIA QUE SE ENCONTRA NO FUNDO DO CORAÇÃO”



▲ 1853
Sinal 0267

não matéria? O que dói? Como se sabe, qualquer homem tem uma tendência inata para ajudar outro homem que tenha dor.

Perante os sinais, há um autossentido, uma autoafetação de um membro fantasma que se prolonga em nós através da contemplação do sinal, como se acedêssemos à contemplação dos dois rostos de mãe e de filho. Tudo isto só é possível através dos sinais, através deste corpo que tudo faz aparecer. O estar à cabeceira da fenomenologia do abandono perante os sinais. Tudo isto traduzido em realidades moleculares. O sentir-se na polissemia do sentir através dos sinais. A medida do homem que percebe torna-se aquilo que tem diante de si. O abandono torna-se constitutivo através do visível do sinal. A habituação ao abandono fica no sinal. Os sinais são assim um

acesso privilegiado ao sentir primitivo de uma mãe, de um filho, da sua relação ancestral única.

Como ter um discurso unitivo quando se fala de amor? Qual a categoria objetiva dos afetos? A declinação do amor. Os sinais são a dor e a alegria, como qualquer afeto que é sempre dor e alegria. Os sinais são o abandono na coloração, na possibilidade de poder recuperar o essencial. O coração afetivo, o ser mais originário, a essência de algo que não é apenas uma coisa psicológica ou matéria – os sinais. O desejo de reaver é a cor. Não é um jogo. É uma parte do coração que existe ainda, o sinal enquanto prolongamento do sujeito presente e ausente (o filho e a mãe).

Os sinais transportam também ilusões. Uma obscuridade não é iluminada pela sua representação (fita, medalha,

meia) mas pela obscuridade do sentimento que mãe e filho põem nesse obscurecimento. O medo, embora de uma evidência absoluta, é uma noite escura. A sua finalidade própria é a beatitude desse objeto. Existe uma sacralização desses objetos. São como um ninho, o calor do ninho sem haver ninho, porque houve abandono. São “essências carnis”, “essências sensíveis” merleau-pontyanas.

O discurso do afeto servirá bem a Filosofia? Como dizer a vida? Como restituir o abandono através da linguagem sem o falsificar? Através de uma não objetivação desse abandono ou de uma objetivação sem palavras, por vezes apenas o símbolo sem palavras. É por isto mesmo que podemos afirmar que os sinais não são uma objetivação total do abandono. Os sinais parecem querer provar alguma coisa, mas na verdade não provam nada. Todas as energias que estão nos sinais estão na vida: as palavras, os sons, os cheiros.

Na interpretação concetual dos sinais não há um chão completamente firme para explicar as coisas da afetividade. É necessário um metadiscurso que pode equivaler a um discurso nenhum. É necessário conhecer a primeira canção de embalar que uma mãe cantou ao seu filho, o antepredicativo de tudo nessa canção de embalar.

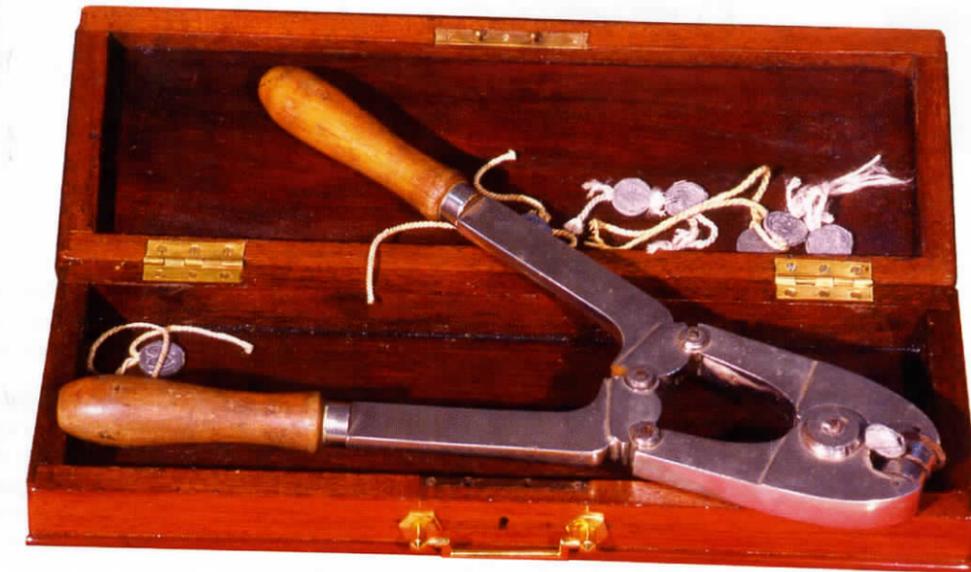
Os sinais são falsos pensáveis. São o espetáculo do mundo, porque são visíveis, mas são transparência e invisibilidade nos seus sentidos mais profun-



▲ 1866 Sinal 1916

dos. Os sinais são pastorais. São a forma de uma presença que não deve ser criada nem servir nenhuma outra. Não podemos criar outro critério para a interpretação do sinal que não seja o próprio sinal. Os sinais são fenomenalidade pura da vida, da vida de si com si, movimento autorregenerador, autodoação.

Que paixão é essa que Deus põe em nós? Que paixão é essa que uma mãe ou um pai põe nos sinais? Essa própria paixão não é impassível. A vida é em si e para si. Não é o pensamento que nos dá afeto à vida. A vida torna-se inteligível na própria vida. É na vida e em vida que se revela o amor. Seres vivos (a mãe e a criança) são a interioridade fenomenológica de qualquer coisa que existe antes



“PERANTE OS SINAIS, HÁ UM AUTOSSENTIDO, UMA AUTOAFETAÇÃO DE UM MEMBRO FANTASMA QUE SE PROLONGA EM NÓS ATRAVÉS DA CONTEMPLAÇÃO DO SINAL, COMO SE ACEDÊSSEMOS À CONTEMPLAÇÃO DOS DOIS ROSTOS DE MÃE E DE FILHO”

do próprio mundo. O amor é uma autorrevelação do começo. O laço primordial da vida: o estar um no outro, a nostalgia do útero, esse sentimento oceânico, estar em amor é estar um no outro.

Os sinais, no paradoxo do seu aparecer, são este mistério de estar um no outro em estado de amor. O júbilo de viver com, a comunhão orgânica de tudo o que se conhece e não se conhece, a fruição do estar total.

É por isso que o amor é reconhecido por uns e não reconhecido por outros. É preciso o estado do amor para estar em

amor. O movimento da vida, a dádiva, o dar tudo para devolver tudo (na roda da Misericórdia e na vida). O deslumbramento da vida. O astro esplendoroso que substitui os dogmas pela filosofia do amor onde se dizem coisas não dizendo sempre como as coisas são. A perspectiva mais relacional, mais intimamente relacional, mais solidária sem cisão entre afetos e razão, porque a razão é já afeto. A vida que nos habita. A verdade da vida. O ato de se mostrar. ●

▲ ALICATE e os selos de chumbo dos colares dos expostos. Arquivo Histórico SCML